



IMPACTOS DA MATERNIDADE NA CARREIRA DE MULHERES-MÃES BRASILEIRAS DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19 (2020-2022)

Luna G. Dalama¹

¹ Universidade de São Paulo, luna.dalama@usp.br

Propósito

Esta pesquisa é resultado de um Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) realizado em 2022 para obtenção do título de Especialista em Mídia, Informação e Cultura pelo Centro de Estudos Latino-Americanos sobre Cultura e Comunicação (Celacc), Núcleo de Apoio à Pesquisa vinculado à Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA-USP). O trabalho foi intitulado *Redes de apoio online: como as mídias e redes sociais têm contribuído para reduzir a carga mental de mães durante a pandemia*¹, que teve autorização do Comitê de Ética para sua realização.

A partir dos resultados obtidos (por meio de questionário online respondido por 201 mulheres-mães de quatro regiões do Brasil), é possível fazer um recorte específicos sobre a situação de profissionais do gênero feminino e o impacto da pandemia de Covid-19 sobre suas carreiras.

Revisão de literatura

Segundo dados do Ministério do Trabalho², as mulheres brasileiras foram maioria entre as pessoas que perderam emprego com carteira assinada em 2020. Dos 480 mil postos fechados, 462 mil (96,2%) eram ocupados por mulheres – muitas delas, mães solo e chefes de família.

¹ DALAMA, Luna G. *Redes de apoio online: como as mídias e redes sociais têm contribuído para reduzir a carga mental de mães durante a pandemia*. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Midcult) – Celacc, ECA-USP, São Paulo, 58 p., 2022. Disponível em: https://celacc.eca.usp.br/pt-br/tcc_celacc/redes-apoio-online-midias-redes-sociais-contribuido-para-reduzir-carga-mental-maes Acesso em: 1 maio 2024.

² Disponível em: <https://g1.globo.com/jornal-nacional/noticia/2021/12/08/mulheres-foram-maioria-entre-os-que-perderam-emprego-em-2020.ghtml> Acesso em: 1 maio 2024.

A questão do cuidado é, segundo Zanello (2016), histórica e socialmente vista como uma atribuição feminina, de “instinto materno”, tendo a mulher filho(s) ou não. Por meio dessa feminização das relações de cuidado, espera-se que a mulher se ocupe do lar, dos filhos, do marido, dos idosos da família, dos doentes, dos animais de estimação, etc.

A ONG feminista Think Olga conduziu uma ampla pesquisa sobre a economia do cuidado durante a pandemia³. As mulheres gastavam uma média de 61h semanais em tarefas domésticas e cuidados com outras pessoas. Com o confinamento e o fechamento de escritórios e escolas entre 2020 e 2021, a sobrecarga feminina aumentou ainda mais. E além de serem maioria em funções como diaristas e babás, as mulheres correspondiam em 2020 a 78,9% da força de trabalho total na área da saúde no país, segundo o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA)⁴. Os índices chegavam a 85,2% de enfermeiras, 85,3% de técnicas de enfermagem e 85,9% de auxiliares de enfermagem, enquanto, entre os médicos, esse indicador caía para 47,5%. A linha de frente dessa guerra, portanto, teve rosto (e nome) de mulher.

Segundo Guimarães (2021, p. 11), “o cuidado é aquele fenômeno que está no coração da vida social, mas que tem sido deixado invisível apesar da multiplicidade das suas formas”. Para Iaconelli (2020), o que é feito dentro do ambiente doméstico nunca foi considerado pela sociedade como trabalho, mas como “amor” e “obrigação”. “Mulheres podem casar ou não, ter ou não filho e, provavelmente, terão que trabalhar. (...) Se escolherem a combinação casamento-filho-carreira, terão que rebolar” (IACONELLI, 2020, p. 17-18).

Na pandemia, além de as pessoas não poderem visitar (nem ajudar) umas às outras, a economia sofreu com a inflação mais alta desde o Plano Real; com a subida do dólar, que chegou a R\$ 5,90 em maio de 2020, e com uma taxa de desemprego que atingiu 14,1% no segundo trimestre de 2021, afetando diretamente 14,4 milhões de brasileiros⁵, segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE).

³ Disponível em: <https://lab.thinkolga.com/economia-do-cuidado/> Acesso em: 18 fev. 2022.

⁴ Disponível em: <http://anesp.org.br/todas-as-noticias/2020/4/16/a-guerra-tem-rosto-de-mulher-trabalhadoras-da-sade-no-enfrentamento-covid-19> Acesso em: 18 fev. 2022.

⁵ Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/noticia/2021/08/31/desemprego-fica-em-141percent-no-2o-trimestre-diz-ibge.ghtml> Acesso em: 1º out. 2021.

Vilarinho (2022) afirma que, no início do isolamento, com trabalho remoto e aulas online, a pandemia foi muito desgastante. “Ela colocou uma luz na nossa carga mental. Para muitas famílias, foi péssimo, casamentos acabaram, e as mães – que já eram solo na prática – ficaram solo mesmo” (VILARINHO, 2022, n.p.).

Procedimentos metodológicos

A pesquisa abrangeu uma pesquisa quantitativa com a aplicação de um questionário online via Google Forms, que ficou ativo entre 15/1 e 15/2/2022. Reuniu 25 perguntas (17 fechadas e 8 abertas) e foi respondido por 201 mulheres.

Chegou-se ao número final de respondentes por meio da técnica de amostragem não probabilística conhecida como “bola de neve” (*snowball*), em que indivíduos previamente selecionados convidam novos participantes de suas redes.

Esse estudo de ordem exploratória contou, ainda, com uma entrevista semiestruturada, via Zoom, com a fonoaudióloga, escritora e influenciadora digital Thaís Vilarinho (criadora do perfil @maeforadacaixa), no dia 7 de fevereiro de 2022.

O questionário incluiu uma seção de perguntas sociodemográficas, outra sobre educação e carreira, além de questões específicas sobre maternidade e redes de apoio física e online.

Resultados

A maioria (41,8%) das respondentes do questionário online tinha entre 36 e 40 anos à época da pesquisa. Todas as participantes eram do gênero feminino; 95% de orientação heterossexual. Em relação à cor de pele, a maioria (79,1%) se autodeclarou branca, seguida por 10,9% de pardas, 6% de amarelas e 4% de negras.

Sobre o local de residência, 61,2% das mulheres que participaram do questionário viviam no estado de SP, 21,4% eram de SC e 6,4% moravam no exterior. Das cinco regiões do país, apenas a Norte não teve respondentes.

A maioria (28,9%) tinha orçamento familiar superior a 12 salários mínimos por mês. Já a renda pessoal foi bem diversa, mas a maioria (26,4%) recebia entre dois e quatro salários mínimos por mês, o que aponta que a maior parte da composição da renda dessas famílias não provinha das mulheres-mães.

Quanto ao nível de escolaridade, 40,3% das participantes tinham pós-graduação completa, seguidas de 27,4% com ensino superior completo e 10,9% com mestrado. Das 201 mulheres respondentes, 64 (31,8%) se graduaram na área de Humanas.

Do total, 21,9% tiveram jornada e/ou salário reduzido na pandemia e 7% foram demitidas. Além disso, a maioria (37,6%) ainda fazia *home office*, 34% trabalhava em formato híbrido e 28,4%, presencialmente.

Na seção específica de perguntas sobre maternidade, a maioria das mulheres (59,7%) tinha um único filho. Além disso, 126 (62,6%) passaram a gravidez e/ou os primeiros meses do(s) filho(s) já no período de pandemia, cuidando de recém-nascidos até crianças de 3 anos incompletos.

Sobre a rede de apoio presencial das mães, a maioria (88,1%) respondeu que contou com a colaboração de outra(s) pessoa(s) entre 2020 e 2022: marido/esposa (70,6%), avós (43,8%), creche/escola (31,8%), babá (13,4%), sogra (12,9%), empregada doméstica (11,4%) e amigos (1,5%).

Foi feita, ainda, uma pergunta sobre mudanças na rede de apoio ou no emprego durante a pandemia. Respondentes contaram que precisaram demitir ou contratar babá/empregada; perderam o emprego (uma delas, após revelar que estava grávida) ou tiveram redução salarial; algumas (ou os maridos) precisaram se demitir para cuidar da(s) criança(s); outras tiraram o filho da escola ou se mudaram de cidade para ter ajuda de alguém; o contato com os avós ficou restrito ou suspenso por meses; sogras e avós voltaram a ser rede de apoio após o início da vacinação; há relatos de separações e divórcios; a escola voltou a ser rede de apoio em 2021, principalmente a partir do segundo semestre; quando a situação financeira e de trabalho de algumas respondentes começou a melhorar, foi possível pagar por rede de apoio presencial, como babás e domésticas; e quem morava no exterior não conseguiu visitar os familiares e amigos no Brasil.

Implicações da pesquisa

Nos meses mais fechados do isolamento social, muitas mães relataram que tiveram exclusivamente contato virtual com seus amigos, familiares e o mundo exterior, mas, à medida que começaram a vacinação e a flexibilização das regras nas cidades brasileiras, a rede de apoio

física foi voltando (com impactos positivos sobre a carreira), seja porque as pessoas já estavam imunizadas, ou porque as escolas reabriram, ou ainda porque a economia voltou a se aquecer, ao menos a ponto de a mulher ou o casal poder pagar pelos serviços de uma babá ou empregada doméstica.

Esse cenário foi bem diferente entre mulheres pretas, pardas e moradoras de regiões periféricas, que não tiveram esse privilégio de se isolar durante a pandemia e precisaram manter suas rotinas de trabalho e continuar usando o transporte público para se locomover pelas cidades. Passada a pandemia, o desemprego entre esse grupo continuou mais acentuado.

Referências

Guimarães, Nadya Araujo. (2021). Os múltiplos fios que tecem as relações de cuidado. *In: Angotti, Bruna; Vieira, Regina Stela Corrêa (orgs.). Cuidar, verbo coletivo: diálogos sobre o cuidado na pandemia da Covid-19.* Editora Unoesc.

Iaconelli, Vera. (2020). *Mal-estar na maternidade – Do infanticídio à função materna.* 2ª edição. Coleção Ato Psicanalítico, coordenação de Christian Dunker. Zagodoni.

Vilarinho, Thaís. (2022). *Entrevista I.* [fev. 2022]. Entrevistadora: Luna Gonçalves Dalama. Dois arquivos .mp4 (70’).

Zanello, Valeska. (2016). Dispositivo materno e processos de subjetivação: Desafios para a psicologia. *In: Zanello, Valeska; Porto, Madge (Orgs.). Aborto e (não) desejo de maternidade(s): questões para a psicologia.* Conselho Federal de Psicologia.